

A longa transição

Carlos Gaspar | *Público* | 26 de Dezembro de 2021

A longa transição da Rússia começou há trinta anos com o fim da União Soviética. No dia 25 de Dezembro de 1991, a bandeira vermelha da Revolução de Outubro é arriada no mastro principal do Kremlin e, no seu lugar, é hasteada a bandeira tricolor da Revolução de Fevereiro de 1917, que inaugura o regime constitucional depois da abdicação do czar Nicolau II.

A União Soviética já tinha deixado de existir. Mikhail Gorbatchov, o último Presidente da União Soviética, decidiu não recorrer à força para impor as suas reformas e realizou a profecia de David Grossman: o totalitarismo não pode renunciar à violência sem se destruir. Em Agosto de 1991, o regime comunista russo suicida-se com a sua tentativa falhada de golpe de Estado e Boris Ieltsin, o primeiro Presidente da Rússia, proíbe o Partido Comunista e toma o poder. Quatro meses depois, a Rússia, a Ucrânia e a Bielorrússia formam a Comunidade de Estados Independentes, na qual se integram a maioria das antigas repúblicas soviéticas. No dia 25 de Dezembro, resta a Gorbatchov entregar a Ieltsin os códigos das armas nucleares soviéticas.

A data tem um significado histórico. O fim da União Soviética marca o fim da Guerra Fria, com o desaparecimento de uma das duas grandes potências que dominam a política internacional desde a sua vitória sobre o III Reich. O fim do regime comunista marca o fim do século XX, o século das guerras totais e das revoluções totalitárias. O fim do império soviético marca o fim do último império europeu e confirma o fim da história europeia, nas vésperas de um novo ciclo internacional, cujo centro se desloca para lá do Velho Continente.

A Rússia perde o seu império e o seu lugar no sistema internacional. Nos últimos 30 anos, a Rússia procura restaurar uma “esfera de influência” exclusiva no seu “estrangeiro próximo” – a forma como a diplomacia russa se refere ao conjunto das antigas repúblicas soviéticas – e reconstruir a sua posição no centro da balança internacional.

A primeira década da transição é dominada por uma estratégia de integração na nova ordem ocidental de Vancôver a Vladivostok. Os Estados Unidos forçam a Ucrânia a renunciar ao seu estatuto como potência nuclear e garantem que a Rússia, membro permanente do Conselho de Segurança, é o único sucessor nuclear da União Soviética. A Rússia tem um estatuto especial na NATO, é convidada para integrar o G7 e entra na Organização Mundial de Comércio com o apoio dos Estados Unidos e da União Europeia.

Essa orientação começa a mudar na década seguinte. O [Presidente Vladimir Putin](#) é partidário de uma nova ordem europeia de Lisboa a Vladivostok e, paralelamente, consolida as relações com a China. O triângulo estratégico entre a Rússia, os Estados Unidos e a Alemanha é crucial para a segurança europeia, nomeadamente depois do 11

de Setembro, quando a política norte-americana se recentra no “Grande Médio Oriente”. A parceria estratégica entre a Rússia e a China é crucial para a segurança euro-asiática, com a formação da Organização de Segurança de Xangai em que as antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central se reúnem às duas grandes potências continentais para neutralizar os movimentos pan-islâmicos.

A terceira década marca uma viragem da Rússia, que é anunciada em 2011 e antecipa a mudança estratégica na China com a tomada do [poder de Xi Jinping](#). Putin passa a defender a “Grande Eurásia” como a sua prioridade internacional, a par de uma estratégia de reintegração do espaço pós-soviético numa União Económica Euro-asiática. Em 2014, a resistência da Ucrânia, que tenta manter uma posição de equilíbrio entre a Alemanha e a Rússia, precipita a anexação da Crimeia e o início da “guerra híbrida” na Ucrânia Oriental.

A ruptura com a ordem ocidental consolida a recentragem asiática da estratégia internacional da Rússia em convergência com a China. As duas principais potências revisionistas querem contrabalançar a preponderância dos Estados Unidos e construir uma ordem alternativa que se deve concentrar na institucionalização da “Grande Eurásia”. Nesse sentido, a Índia, o Paquistão e o Irão são convidados a integrar a Organização de Segurança de Xangai, enquanto a intervenção militar da Rússia na Guerra da Síria revela o seu estatuto como uma potência relevante no Médio Oriente.

A Rússia continua a ser uma grande potência, mas não conseguiu nem reconstruir uma esfera de influência, nem definir um lugar próprio no sistema internacional. A sua escalada na frente ocidental, com a ameaça de divisão da Ucrânia, cercada por cem mil soldados russos, é mais própria do um perturbador estratégico do que de uma potência responsável.

Trinta anos depois, a longa transição da Rússia pós-soviética ainda não chegou ao fim. A sua posição na balança entre os Estados Unidos e a China é insustentável e a competição entre as duas maiores potências força a Rússia a uma escolha impossível entre ser um aliado menor da potência asiática ou reconhecer o seu destino como parte do declínio europeu.

<https://www.publico.pt/2021/12/26/mundo/analise/longa-transicao-1989892>